

CRÍTICAS AFETIVAS DA POESIA CONTEMPORÂNEA: construindo relações

Aline de Almeida Moura ¹

33

Resumo:

Tomando como ponto de partida o conceito de afeto, o objetivo desse trabalho é pensar no modo como alguns ensaios de crítica de poesia contemporânea lidam com o envolvimento afetivo e corporal no momento de sua análise. Nesse sentido, analisamos o livro **Afeto & Poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique** (2014), de Carmen Lúcia Tindó Secco, e o livro **Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea** (2014), de Luciana di Leone, assim como alguns artigos que se debruçam sobre essas questões. Embora com corpus curto e aleatório, intentamos possibilitar algumas reflexões sobre o trabalho crítico, principalmente no que se refere à sua relação com aspectos afetivos, afectivos e corporais.

Palavras-chave: Crítica. Poesia contemporânea. Afeto.

dossiê temático:

CORPO

¹ Doutorando em “Literatura, cultura e contemporaneidade” pela Pontifícia Universidade Católica – Rio. E-mail: alinemoura@yahoo.com.br



*A vontade de superar um afeto não é,
em última análise, senão vontade de um outro
ou de vários outros afetos.*
(Nietzsche. Parágrafo 117, Para além do bem e do mal)

[1]

Antonio Candido, em ensaio intitulado “Crítica e memória” (2010), pondera que “talvez devêssemos dar mais atenção aos arrabaldes do trabalho crítico. Sem prejuízo, é claro, do seu cerne, onde se localizam a análise objetiva do texto e a investigação histórica” (CANDIDO, 2010, p. 33). Segundo o autor, deveriam ser reavaliados o puritanismo e a fuga de leituras impressionistas, embora elas tenham contribuído para o campo. No ensaio citado, ele propõe uma leitura para o poeta François Villon e ressalta a sua profunda admiração pelo “malandro imortal”. Nesse sentido, a sua sugestão de “um novo capítulo para a crítica”, que pudesse expressar o contato afetivo com obras literárias, serve também como justificativa para a forma com que ele aborda a obra de Villon.

Luiz Costa Lima, outro importante teórico da literatura brasileira, no artigo para o jornal *A Folha de São Paulo* (no seu caderno *Ilustríssima*) “A linguagem como matéria em Luci Collin” (2016), também reflete sobre os “arrabaldes” do trabalho crítico. Antes de apresentar a sua leitura da poetisa curitibana, Costa Lima justifica-se ao afirmar que “o reconhecimento do nível do dizível no poema requer a qualidade de seu leitor. E, entre respostas distintas, uma não será correta, em preferência de outras” (s/p, 2016). Em outras palavras, o autor sugere que uma das tarefas do crítico é apontar para o dizível, mas que não está dito claramente, na obra de um artista. Essa leitura depende do conhecimento anterior do crítico-leitor, uma vez que “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/

no meio do caminho tinha uma pedra' pode ser tomado como uma permutação brincalhona, uma alusão satírica ou dramática ao verso de Dante" (s/p, 2016). Costa Lima também necessita se justificar por conhecer apenas dois dos mais de dez livros de Collin, afirmando que "se, apesar do risco, me atrevo a escrever sobre o que li da autora, é porque seu desconhecimento chega a me parecer criminoso" (s/p, 2016), apontando, assim como em Candido, para um caráter afetivo na sua análise.

Dois pontos que gostaria de ressaltar na crítica desses dois importantes pensadores são a ligação entre uma leitura afetiva com o impressionismo e a subjetividade, por um lado, e, por outro lado, a vontade dos autores em transpor em palavras a afetação causada pelas obras. Dito de outra forma, em diálogo com a epígrafe escolhida, a vontade do crítico de escrever se deve aos afetos e afecções causados nele pela leitura, assim como a vontade de esconder os aspectos afetivos são também resultado de afetividades advindas de sua tarefa de crítico, em que o sujeito-crítico deveria ser objetivo e racional. Ambos terem escolhido iniciarem seus textos com uma justificativa para sua abordagem também indica uma preocupação com o possível leitor e o modo com que ele será afetado pela análise proposta. Esses pontos são importantes para se pensar a relação entre afecção, afeto e crítica na contemporaneidade, como ela se opera e como ela pode enriquecer as obras analisadas.

Nessa esteira, duas estudiosas de literatura escolheram como mote de suas pesquisas justamente a afetividade em sua ligação com a produção poética contemporânea da Argentina e do Brasil, como fez Luciana di Leone (2014) e com a produção poética de Angola e de Moçambique, como fez Carmen Lúcia Tindó Secco (2014). Reflito, nesse sentido, em como as autoras lidam com aspectos afetivos em suas análises.

Antes de prosseguir, resalto que afetividade, no contexto deste artigo, pode ser entendida tanto em seu sentido mais amplo de ligações e relações – seja entre sujeitos, seja entre texto e leitor/ crítico – construídas com base no carinho e apego, quanto em seu sentido filosófico, como abordado por Espinosa. A partir da leitura proposta Marcos Gleiser sobre a teoria da afetividade do filósofo holandês, por afeto (*affectum*) se entende "as afecções (*affectiones*) do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim com a ideia dessas afecções" (GLEIZER, 2005, p. 33). Dessa forma, não há uma separação entre a alma e o corpo quando pensamos no afeto, além de haver uma ligação entre ele e o conceito de *conatus*, isto é, de que as coisas se esforçam para perseverar no seu ser. Nesse sentido, "o afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir" (p. 35), fazendo com que uma afecção neutra, isto é, que não altera a potência de agir, não tenha dimensão afetiva. Em outras palavras, nem toda afecção é um afeto, mas toda afeto

possui afecções, criando um estrito laço entre corpo e mente (alma).

[2]

Em seu livro *Afeto & Poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique* (2014), resultado de sua pesquisa de pós-doutorado, Carmen Lucia Tindó Secco teve como objetivo central analisar como afetos e afecções – “alegria, esperança, amor, ódio, tristeza, melancolia, etc.” – se encontram representados em obras e entrevistas de autores angolanos e moçambicanos (SECCO, 2014, p. 13). Tendo como base teórica o trabalho de Spinoza, para a autora, o filósofo define afeto como “um estado da alma, uma força propulsora capaz de levar ou não o ser a ações e paixões” (p. 13). Assim, ela trabalha com a noção de afeto “não como meros sentimentos ou emoções, mas como pulsões que atingem o âmago do corpo e do espírito, e afetam, profundamente, o ser, de modo a incitá-lo à ação ou à passividade” (p. 13). E, por afecções, Secco entende como “modos de sentir que afetam, principalmente o corpo; são imagens ou ideias que se manifestam como emoções, sentimentos provocados por causas externas, sensações” (p. 14).

Um aspecto a ser ressaltado é que, segundo ela,

para Spinoza, os afetos são aquilo que nos relaciona com o mundo e com a existência; denotam não apenas atitudes existenciais face à potência de viver, mas atitudes

políticas que, por intermédio da melancolia, por exemplo, podem externar, benjaminianamente, alegóricas manifestações de crítica e indignação, ou seja, “emoções lúcidas” que põem em questão determinadas ações históricas (SECCO, 2014, p. 15).

A partir de tais conceituações, a autora pretende observar o modo pelo qual alguns poetas angolanos e moçambicanos “exorcizam 'afecções nefastas', reavaliando a importância de valores humanos e sociais desgastados pela violência de Angola e Moçambique” (p. 15). Ou seja, Secco propõe que os aspectos afetivos encontrados nas obras de alguns poetas possuem uma ligação com o seu contexto sócio-histórico, tomando-os como uma forma de se posicionar sobre os fatos acontecidos, mesmo que elas pareçam apenas tratar de aspectos subjetivos. Nesse sentido, a autora aponta que atender para os afetos significa “repensar o mundo, apreendendo sentidos inusitados que a linguagem da poesia e da arte são capazes de formular. Afetando histórica, social, política, filosófica, existencial e esteticamente quem as admira, lê e/ou interpreta” (p. 21).

A professora Carmen Lúcia também aponta para a discriminação sofrida pela África, por ser considerada um continente que “só possuía emoção, tendo sido a razão

excluída do universo dos povos africanos e atribuída apenas a Europa” (p. 16), para, logo em seguida, mostrar a contestação deste paradigma dualista em filósofos como Spinoza, Deleuze, Derrida, entre outros, prevalecendo atualmente uma perspectiva que une razão e emoção, e percebendo que “o sensível pode levar à potência emancipatória” (p. 16). Além disso, entendendo que a teoria deleuzeana pensa o afeto como semiologia, é “esse sentido semiológico que nos interessa em especial” (p. 17) e, por isso, ela se centra no trabalho com a linguagem feito pelos poetas estudados.

Esse livro é composto por duas partes principais, que se seguem ao seu texto introdutório: um conjunto de quatro ensaios sob o título “Os afetos na poesia” e um conjunto de dezessete entrevistas com poetas angolanos e moçambicanos sob o título “Os afetos pelo olhar dos poetas”.

Os ensaios buscaram, segundo a autora, evidenciar “as relações existentes entre poesia, afeto e crítica literária” (p. 18). O primeiro ensaio, intitulado “Novas trilhas do sentir na poesia angolana contemporânea”, procura demonstrar, através da análise de alguns poemas em diálogo com dados políticos de Angola, que os poetas que emergiram pós-independência começaram a “construir imagens e metáforas que se voltam para as emoções interiores, numa procura de politização dos sentimentos e afetos” (p. 29), utilizando temas como erotismo, amor, sentimentos, a metapoesia e a reinvenção do

passado. No segundo ensaio, “História e imaginação, erotismo e afetos: algumas reflexões sobre a poesia angolana pós-1990”, a autora procura demonstrar que a poesia angolana, mesmo que aparentemente desligada da história, “descortina, não obstante, em suas entrelinhas, perplexidades, sentidos e sentimentos que apontam para um contexto histórico de crises, rupturas e incertezas” (p. 43). Como no ensaio anterior, ela referencia dados políticos e econômicos para, posteriormente, analisar uma vertente poética surgida nas décadas de 1990 e 2000 que priorizaria “as estratégias do sensível” – expressão cunhada por Muniz Sodré e que designa o campo em que as sensibilidades levam o sujeito para uma caminhada em busca da liberdade (p. 54) –, analisando alguns livros desse período. No ensaio “Por entre sonhos e compromissos...”, Secco discute “se a literatura pode assumir ou não, previamente, compromissos de ordem externa”, indagando-se sobre o seu uso panfletário e utilitário da linguagem (p. 58). Nesse sentido, a autora reconstrói uma cronologia da poesia moçambicana, ligando a produção poética dos anos 1960 e 1970 à luta contra o salazarismo e à sua valorização como instrumento de combate e politização (p. 60). No contexto pós-colonial dos anos 1980, poetas como Mia Couto e Luís Calos Patraquim “perceberam que o realismo crítico e a poesia engajada haviam despojado as pessoas, em grande parte de suas emoções íntimas” (p. 61), emergindo, então, uma poética que “embora não se

esquecesse dos conteúdos sociais, revigorasse o lado subjetivo dos seres humanos” (p. 62). Assim, o sonho, o erotismo e as metáforas metapoéticas, são usados como forças geradoras de um despertar histórico, em que se busca uma politização dos sentimentos e afetos (p. 67). Por fim, em “Revisitações poéticas da Ilha de Moçambique”, a autora analisa o livro *Mesmos barcos ou poemas de revisitação do corpo*, de Sangare Okapi, escolhido por sua focalização na Ilha de Moçambique, no qual ela procura investigar “de que modo a poesia participa da história, desvelando sentidos, afetos e saberes que se encontravam ocultos ou olvidados” (p. 76). Mais uma vez, a autora acredita ser importante “algumas informações sobre a Ilha de Moçambique” (p. 76), no que tange a colonização lusitana. Sua tese é que “no fim dos anos 1980 e início dos 1990, com o enfraquecimento das utopias revolucionárias, alguns poetas e escritores, ao verem o território moçambicano aviltado pelos longos períodos de guerra, buscaram espaços menos atingidos por esta”, voltando-se para o imaginário do amor e das ilhas, “à procura de Eros, do amor e das origens” (p. 78). Assim, ela conclui que o livro de Okapi, embora tenha uma paisagem subjetiva, possui um olhar pós-colonial (p. 84).

As entrevistas com os poetas foram estruturadas a partir de perguntas previamente formuladas e que foram respondidas pelos autores por escrito, uma vez que não foi possível encontrar com todos

pessoalmente (p. 18). Nesse sentido, a maioria das perguntas se repete, sendo as mais comuns transcritas aqui: “os afetos geralmente são banidos da linguagem acadêmica, científica, porque lidam com subjetividades. Mas o reino da literatura se situa nas fronteiras do real e do sensível. Acha possível alguma manifestação literária que não trabalhe no território dos afetos? E a crítica literária, acha que pode trabalhar com uma linguagem do sensível? Isso invalidaria as análises?”; “Atualmente, alguns filósofos têm voltado a enfatizar a importância das emoções, da dimensão do sensível. Fala-se, hoje, numa 'poética dos afetos', em 'afecções lúcidas’. Qual o papel dos sentimentos no âmbito de sua escrita? O que pensa sobre uma 'poética dos afetos' (afetos e desafetos, pois se entende afeto como tudo que afeta o ser)?”; “Fale dos afetos presentes em seus poemas”; “Os afetos sempre existiram e, a meu ver, estão presentes na Literatura, no ser humano, nas sociedades. Focalizando a literatura de seu país como um sistema, que afetos você apontaria como predominantes na poesia dos anos 40-50, 60-70, 80-90, 2000-2010? Por quê? E, em relação à sua poesia, se eu lhe pedisse que elegeesse os afetos predominantes, você seria capaz de enumerar os principais?”; “Domina no mundo contemporâneo a economia de mercado e até o livro entra nesse contexto. Considera possível a poesia se adequar a esse universo econômico? Como valorizar a poesia em sociedades que priorizam o consumo? Como você relaciona afeto e valor

mercadológico?”. Segundo a autora, “uma parte significativa dos poetas entrevistados concebe o afeto em íntima correlação com poesia” (p. 21). Além disso, em sua maioria, há um entendimento de que tanto afeto quanto poesia constituem um outro tipo de informação que não é apenas corporal nem intelectual, mas que “significa repensar o mundo, aprendendo sentidos inusitados que a linguagem da poesia e da arte são capazes de formular” (p. 21).

Não me cabe aqui julgar se a interpretação feita pela autora é coerente, mas pensar na forma com que foi utilizado o pensamento sobre os afetos em seu livro. Assim, interessa-me pensar em como afetos, afecções e corpo influenciaram a análise a qual a autora se propôs. Na capa do livro, aparece a pintura do artista plástico moçambicano Roberto Chichorro “A paixão de Colombina”, que segundo a própria autora do livro, Carmen Secco, no artigo “Uma pintura de sonhos, memórias, cores e poesia” (2011), explora temas como o erotismo, o amor, as figuras humanas e o tema dos namorados. Na tela, aparece Pierrô e Colombina abraçados, sem que possamos distinguir qual é o corpo de um qual e qual é o corpo do outro, como se fossem unidos: o eu e o outro. De certa forma, a autora busca em seu livro demonstrar esse entrelaçamento entre o subjetivo presente nas poesias, o sentimento do eu, íntimo, mas que está em consonância com aspectos políticos, buscando, de alguma forma, interferir nas sensibilidades e sentimentos em relação ao

mundo. Os ensaios, embora curtos, alcançam esse objetivo, mesmo que utilizem abordagens tradicionais nos estudos literários como é a contextualização histórica através de dados políticos e econômicos. Assim, a forma com que os poetas utilizam a linguagem é explicada, por vezes simplificadamente, por um questionamento da literatura engajada predominante nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, por mais que a dicotomia entre razão e emoção, meu corpo e o corpo político procure ser esvaziada, ela continua ali, meio que na espreita, principalmente pela abordagem mais tradicional das poesias, mesmo ao utilizar conceitos como afeto e afecção. Mais interessante ainda são as perguntas feitas, pois parece igualar afeto ao sentimento, afeto à pura subjetividade. Talvez, em vez de perguntar se a crítica pode ser afetiva, a autora poderia, de fato, ter feito um trabalho crítico que envolvesse o corpo de seus leitores, que ultrapasse a contextualização histórica apenas em seu viés político e social. Tanto nas entrevistas quanto nos ensaios é possível perceber que o afeto aparece como temas trabalhados nos poemas, temas tradicionalmente relacionados à subjetividade como o amor e o erotismo, mas que, para a autora, possuem ligação com questões políticas. Nesse sentido, a análise crítica feita se dá na identificação dos afetos presentes e como eles poderiam corresponder a uma tentativa de inserir essas temáticas em um contexto político de pós-independência e de fuga de uma poesia engajada, como a

autora propõe. Os afetos e afecções, dessa forma, parecem ser domesticados na linguagem poética, pois dizem respeito mais ao conteúdo das poesias do que à forma com que elas poderiam mover o corpo, levar à ação, como

aparece na sua explicação inicial do que é o afeto. De qualquer jeito, é um livro interessante e que alcança o objetivo proposto.

[3]

Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea, resultado da tese de doutorado da professora Luciana di Leone (2014), assim como na proposta de Carmen Lúcia Secco, preocupa-se em refletir sobre a poesia produzida na contemporaneidade, mas se circunscrevendo ao contexto argentino e brasileiro através de abordagem bastante diferente da primeira autora. Leone tem por princípio a crença em uma transitividade poética, em que escrita e leitura se relacionam a partir da ideia de afetação, de modificar e ser modificado por aquilo que se lê e se escreve. Embora ela ressalte que essa transitividade e afetividade não sejam prerrogativas da poesia contemporânea, brasileira ou argentina, a autora se justifica ao apontar que uma importante parte dos trabalhos poéticos produzidos nas últimas décadas no Brasil e na Argentina “se constrói explicitamente a partir de uma cena de leitura que alimenta as escolhas afetivas e alimenta a continuidade dos afetos produzidos e, ainda, explicitam essas escolhas como as que guiam seus

projetos” (LEONE, 2014, p. 19). Nesse sentido, segundo a autora, essas produções não podem ser observadas sem se levar em consideração a importância – identificada também em campos como a filosofia, a sociologia e a crítica de arte – da questão do relacional, dos modos de viver junto, dos coletivos artísticos, “com os seus desdobramentos na reflexão sobre a grupalidade, a comunidade, as aproximações e as distâncias entre o eu e o outro, e os efeitos e afetos” (p. 20). O livro, nessa lógica, se propõe a refletir sobre os modos de ler, escrever e editar poesia na contemporaneidade, focando nas “escolhas poéticas como *afetivas*, critério que tanto surge da experiência do convívio quanto opera na formação de grupos, na organização de coletivos de produção e nos mecanismos de consagração e visibilidade, através de revistas, editoras especializadas, oficinas, encontros” (p. 27).

No primeiro capítulo, “Pensamento contemporâneo: o afeto em pauta”, Leone procura explicitar a sintonia entre a explicação do critério afetivo na poesia do presente com

uma preocupação que percorre a reflexão filosófica e estética das últimas décadas sobre o relacional, através de noções como amizade e comunidade. Em outras palavras, ela identifica uma espécie de “espírito de época” que torna central as escolhas afetivas tanto na poesia contemporânea quanto em outras áreas. Afeto, então, será trabalhado em uma dupla referência: “como afecção e como sentimento, para referir e insistir na sua dinâmica relacional, pela qual os sujeitos e discursos implicados são vulnerados, desfigurados e reconfigurados por essa força que varia de forma contínua” (p. 31). Ou seja, ela opta por não diferenciar afecção – “que implica uma mistura de dois corpos” (p. 31) – e afeto por entendê-los como envolvidos na concepção de *escolhas afetivas* (p. 31). Além disso, Leone ressalta que “a ideia de afeto se afasta de qualquer associação com a expressão de uma interioridade inatingível, que marcará a definição romântica e escolar de lírica. Pelo contrário, o *afeto* se dá como resultado de uma relação onde a fronteira entre interior e exterior já não é determinável” (p. 32). Há, nesse sentido, uma mútua modificação entre um corpo – que pode ser um texto, uma voz – sobre outro, e não uma expressão unidirecional de sentimentos (p. 32). Nesse capítulo, ela se apropria de Spinoza e Deleuze em suas considerações sobre afeto, mas também de Roberto Esposito e sua reflexão sobre *comunidade*, no qual ele buscou superar o entendimento moderno de agrupamento de sujeitos com base em uma concepção

equivocada de *comum*. Para Esposito, a comunidade moderna se fundaria na *imunidade*, apontando para um sujeito soberano que se fecha para qualquer contágio (p. 42), havendo a necessidade de se repensar a noção de comunidade para o contexto contemporâneo. Ela também busca a contribuição de Manuel Castells e sua reflexão sobre a sociedade em redes, na qual haveria uma subversão do conceito ocidental e tradicional de sujeito, em que se corre o risco de sua dissolução através de uma espetacularização do *eu* (p. 48-9). Mario Perniola é chamado para essa discussão através de seu pensamento sobre o sentir, em que haveria a necessidade de, no mundo contemporâneo, um “*fazer-se sentir*. Tornar o sentir uma forma de ação” (p. 53). Nesse sentido, Luciana di Leone conclama que “em lugar de gerenciar o 'especularismo sensitivo' ou de manipular 'os sentidos coletivos', a tarefa, de ida e volta, entre o comum e singular, e esse trânsito é pautado pela escolha como ação, pela escolha afetiva como ação” (p. 54). Em outras palavras, o sentir e os relacionamentos permeiam a escrita de poesia e crítica na atualidade, importando perceber como esses aspectos aparecem. Trazendo a discussão sobre a expansão do literário feita por Florencia Garramuño, Leone também aponta para a necessidade de uma nova crítica, que em lugar de observar os objetos como fechados em si, devem percorrer os fluxos que os atravessam (p. 58). Em síntese,

seja nas propostas literárias expansivas, seja na atitude crítica ou nas modulações do pensamento contemporâneo em diversas disciplinas, o que fica mais e mais evidente é o interesse contemporâneo, o *imperativo ético*, de mostrar os contatos, as afecções e os afetos, de pensar para além das fronteiras genéricas e disciplinares, mas sem deixar de ouvir as singularidades que elas possam ter. Ler a partir da noção de afeto participa dessa atitude, pois ela torna impossível a procura ou a afirmação de identidades de autoria ou originalidade claras (LEONE, 2014, p. 59).

Contudo, como ressalta a autora, é preciso ter cuidado para que as noções de *afeto* e de *relacional* não sejam esvaziadas pela sua repetição como palavra de ordem, apaziguando as suas potências desestabilizadoras (p. 60).

No capítulo “Escolhas afetivas e edição de poesia”, seu objetivo é entender algumas das modulações existentes de uma estética afetiva, isto é, em que se predomina o fazer junto, nas poesias argentinas e brasileiras contemporâneas. Para isso, ressaltando como a noção de afeto tem se tornado problemática no campo artístico, ela aborda como escolhas afetivas muitas vezes são entendidas como um dispositivo legitimador de práticas endogâmicas, “nas quais o afeto seria sinônimo de relações especulares, dentro de um grupo fechado de iguais” (p. 63), procurando demonstrar, contudo, que as relações são bem mais dissimétricas. Assim, ela principia observando a formação de agrupamentos na edição de livros, ressaltando que tradicionalmente o trabalho editorial combina critérios econômicos, políticos e

estéticos (p. 64). Nesse sentido, seu foco é pensar em como funciona a publicação de poesia em editoras pequenas e independentes, uma vez que as grandes editoras não se interessariam em divulgar novos poetas pelo grande risco financeiro. Ela aponta como essas pequenas editoras não se veem como concorrentes, mas como garantidoras da continuidade de um projeto comum – comum com um sentido que se difere de igual, como trabalhado por Esposito. Assim, “antes que uma lógica de lutas e concorrência, parece se destacar uma lógica de afetos convivenciais”, em que podem ser sobrepor as figuras e tarefas de escritor, editor e leitor (p. 80). Apesar dessa característica, percebe-se que os projetos poéticos contemporâneos não possuem definições ou filiações, mostrando que o agrupamento é muito mais em nível de amizade do que de busca por uma linha geracional de produção poética. Ao analisar alguns casos de editoração de livros de poesia, ela aponta, mais uma vez, para a crítica que a relação amical pode levar a uma endogamia, ou seja, a formação de um círculo fechado de poetas-amigos de difícil entrada, afirmando que essa crítica se deve a um desconhecimento do funcionamento das edições de livros e de blogs, assim como uma resistência a tratar a afetividade como critério válido. Nesse sentido, ela reitera que “em lugar de assinalar negativamente a amizade e o afeto entre os organizadores e participantes, o que tentamos mostrar é a importância da

pergunta pelo significado do sintoma da insistência no critério afetivo” (p. 165).

Além de pensar na matriz convivial na edição, Luciana di Leone também se preocupa em apontar como ela funciona como matriz de escrita poética no capítulo “Poéticas do afeto: endereçamento, citação e nomes próprios”. Nele, a autora apresenta diferentes procedimentos textuais que aparecem na obra dos poetas como, por exemplo, o de “apresentar o próprio texto como deformado por diferentes vozes” (p. 171), materializados no uso de aspas, caixas de diálogo, signos de interrogação. Outro procedimento observado é o uso do nome próprio de lugares, nomes e textos que referem à momentos concretos na vida literária, assim como o uso de diversos tipos de citação. Analisando as produções de Marília Garcia e de Aníbal Cristobo, Leone retoma a ideia de trânsito e percurso citada na sua introdução para concluir que tais percursos “se realizam apenas *para ser afetados*, como única forma de criar *algum tipo de pertencimento*, ou de comunidade, quando as cartografias e as identidades declaram seu definitivo enfraquecimento” (p. 211).

Por fim, em seu último capítulo, intitulado “Repensando as escolhas afetivas: por um gesto crítico”, Leone aponta para a impossibilidade de propor conclusões, pois ela acredita na tarefa de inquietação da poesia (p. 218). Em suas próprias palavras, ela se preocupa

com a naturalização dos modos de consagração predominantes na poesia produzida nas últimas décadas – a do *meu* tempo, a dos *meus* amigos –, modos de consagração das quais a crítica participa intimamente. Daí que a tarefa assumida tenha sido, desde o começo, a desnaturalização desses modos – e não sua desativação! (LEONE, 2014, p. 218-9).

Assim, ela procurou descortinar nesse livro “as tramas da consagração literária” como provenientes de escolhas editoriais e de escolhas estéticas, que aparecem nas antologias, oficinas e blogs por ela analisada. A desnaturalização dos critérios afetivos e transitivos ao longo de seu trabalho teve como foco “reinvestir – de incômodo – esse afeto, e sua relação com ideias de comunidade e amizade, tão caras ao nosso pensamento crítico” (p. 219). Ela propõe que suas reflexões críticas sobre as escolhas afetivas possam ser úteis para pensar outros campos poético, artístico ou social, incitando para a possibilidade de que novas formas de organização social ou comunitária no nosso tempo. Segundo ela, uma poética das escolhas afetivas encena relações dissimétricas, entre corpos que se afetam uns aos outros, contribuindo para a possibilidade acima mencionada.

Nesse trabalho, percebemos que a noção de afeto é entendida em uma caráter mais amplo, assim como também é a sua abordagem da questão. A produção poética deixa de ser vista como produto de uma mente genial, para se mostrar como relacional – com outros textos, outros autores, amigos. Além

disso, a relação com o “extra-literário”, isto é, questões de editoração, sociais e culturais, aparecem como fazendo parte e construindo o “intra-literário”, em uma perspectiva mais dialética. Sem dúvida, falar de relações de afeto, seja nesse sentido amplo empregado por Leone ou em sentido mais restrito, pode implicar interpretações equivocadas como a acusação de não possuir critérios, de ser subjetivo. A contribuição do trabalho da autora, de fato, está em sua “desnaturalização” das relações entre editores, leitores e autores, ressaltando, contudo, que não é necessariamente prejudicial essa rede. Como ela analisou, muitas vezes o editor tenta

esconder esse caráter afetivo em critérios que, mesmo importantes, são também arbitrários. De qualquer forma, sua análise, como ela bem ressaltou, não esvazia a produção poética contemporânea através de uma rotulação aleatória, mas enriquece a nossa forma de conceber tanto a produção poética quanto o olhar crítico. De fato, ela contribui para podermos trabalhar com aspectos afetivos na editoração, na leitura e na escrita, vendo corpos de carne, osso e coração que escrevem, que leem e que editam, não apenas mentes que produzem.

[4]

Procurei apontar para como as duas propostas lidaram com a questão dos afetos na crítica literária, ressaltando que cada uma tem suas contribuições e problemas. Se por um lado, Carmen Lucia Tindó Secco tratou afetos e afecções como temas recorrentes na poesia de Angola e Moçambique; por outro Luciana di Leone se preocupou como relações afetivas apareceram na poesia do Brasil e Argentina tanto na escrita, quanto na edição. De fato, concordo com Leone no que tange a existência de um *zeitgeist* preocupado com afetos e afecções, que aparece tanto nos textos por ela analisados, como em outros tantos autores e em outros tantos campos de saber. Como

apontou Leslie Fiedler, em seu texto de 1984 “Cross the border – close that gap: Postmodernism”, passamos de uma era racional, analítica, em que a recepção crítica era algo natural, para um mundo emocional, romântico, sentimental, exigindo uma postura alternativa da crítica. Em sua leitura, uma crítica renovada não deve ser textual ou formalista, mas assumir que o trabalho de arte de fato existe em um contexto, necessitando da paixão e apreensão dos leitores. “Not words-on-the-page but words-in-the-world or rather words-in-the-head” (FIEDLER, 1984, p. 152), embora nós, estudiosos de literatura, ainda hoje estejamos tentando formas

alternativas de lidar com essas novas produções e também como essa nova forma

de estar no mundo.

[5]

45

Outro trabalho muito interessante sobre a relação entre crítica e afeto é desenvolvido pela professora da Universidade Federal Fluminense Lúcia Teixeira. Seu atual projeto de pesquisa se debruça sobre práticas semióticas que utilizam o corpo como meio de produzir sentido. Ela trabalha, por exemplo, com críticas de arte que recorrem aos afetos e afecções causado por determinada obra artística em sua construção textual. No artigo “Razão e afeto: a argumentação na crítica de arte” (2006), Teixeira tem como pressuposto teórico a semiologia francesa tal como abordada por Fiorin (1996) e Greimas (1993) para analisar como Ferreira Gullar e Camilo Osório, assim como a própria autora, construíram um determinado saber sobre a exposição “Abrigo poético – Diálogos com Lygia Clark”, ocorrida no MAC – Niterói, de setembro a dezembro de 2006. A autora identifica a sua ida à exposição, assim como o movimento de outros corpos com o pensamento de Merleau-Ponty: “a visão não é um certo modo do pensamento ou presença em si, é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro à fissura do ser. É nesse movimento de sair e retornar que o sentido toma forma, vira

discurso” (TEIXEIRA, 2006, p. 147). Ela, que leu Osório e Gullar, construiu um sentido para a exposição, assim como os casais de namorados, os estudantes, os turistas que podem não os ter lido, tendo como ponto-chave a ideia de que “o corpo que vê e se movimenta percebe do mundo as sensações, mas as sensações já se manifestam recobertas de discurso, a percepção do mundo estando sempre submetida à semiotização da experiência” (p. 147).

Partindo de Greimas e Fontenelle (1993), a autora identifica uma práxis comum nos textos de crítica da cultura:

espera-se, num texto de crítica de arte, a debreagem de vozes que confirmem a palavra do enunciador, a referência a recursos técnicos da obra de arte analisada e aos efeitos que produzem, como demonstração da competência do crítico, a valorização do percurso de aprendizagem do artista e o reconhecimento de seu trabalho; espera-se, enfim, um movimento discursivo que, ao mesmo tempo em que fala da obra e do artista, instala a autoridade do crítico (TEIXEIRA, 2006, p. 148-9).

Através da análise de seu *corpora*, Teixeira identifica tanto em críticas de arte do pré-modernismo, do modernismo e do momento contemporâneo a reiteração desse esquema discursivo, “bem como a possibilidade de ir além dele, em textos que

associam à racionalidade da explicação e descrição a disseminação, no discurso, dos impactos da obra apreciada sobre o sujeito crítico” (p. 149). Em outras palavras, aspectos afetivos também são incorporados no fazer crítico, dotando o texto tanto de um saber técnico quanto de um “acontecimento estético”, conforme suas palavras. Ela também explora neste artigo as estratégias utilizadas nos textos que propiciariam a adesão dos leitores para o que foi escrito, mesmo que tenha sido expressão subjetiva dos críticos. Nesse sentido, ela entende que “o contrato proposto pelo crítico ao leitor não se completa se a crítica não acolher uma certa sensibilização do discurso, imposta pela obra de arte que a provoca” (p. 153), pois esta atitude garantiria “ao senso comum a manutenção da arte na esfera das coisas superiores do espírito” (p. 153).

Lúcia Teixeira provoca ao questionar a força argumentativa da paixão no discurso, respondendo que seria a “força de sensibilizar o outro, a força de estabelecer comunhão com o leitor” (p. 154). Ela retoma Perelman (1996) para reforçar que o “mal da argumentação apaixonada (...) não é a falta de argumentos, mas é a má seleção de argumentos, e desse mal procuram fugir os que procuram criar um efeito de imparcialidade e objetividade em seus discursos” (p. 154). A autora conclui que na crítica de arte, através da análise de seu *corpora*, que “a paixão é bem-vinda em textos do pré-modernismo e do modernismo brasileiro, mas é dissimulada nas críticas

contemporâneas” (p. 154). Talvez por razão do saber acadêmico já ter se consolidado no contexto atual e, este ter como um de seus pressupostos, a busca pela objetividade e imparcialidade.

Retomando a figura do relâmpago, tanto em seu sentido “inesperada fulguração”, quanto no de “deslumbramento que, precedido de uma espera tensa e sucedido por um comentário pensado e nostálgico, representa o acontecimento estético” (p. 153-4), Teixeira aponta para a crítica de arte como uma tarefa de explorar o signo verbal em profundidade e em lateralidade, expandido seus sentidos e dizendo, como também afirma Costa Lima, o indizível. Aquilo que está lá, mas que não conseguimos ver. Ela aponta para a necessidade da crítica ser como um relâmpago, um clarão, uma surpresa estética através do arranjo do texto. Ela explora como o corpo do crítico, o seu afeto também aparece em seu texto, servindo até mesmo para legitimar a sua abordagem.

O interesse pelo trabalho de Lúcia de Teixeira está em sua procura por descortinar os movimentos utilizados pelos críticos de arte para legitimar a sua análise de determinada obra. Assim, ela demonstra a utilização de recursos como biografia e referência a história da arte como dando autoridade para o crítico. Afinal, ele teria algum conhecimento prévio mais avançado que os leitores/espectadores comuns que legitimariam a sua fala. De igual modo, a inserção do corpo do crítico, dos afetos, da paixão no discurso não seria

necessariamente deslegitimador se tratado de uma “forma adequada”. Percebemos, então, tanto nas críticas de jornal de Antonio Candido e Luiz Costa Lima, nas críticas acadêmicas de Carmen Lúcia Tindó Secco e Luciana di Leone, e na análise da crítica de arte feita por Lúcia Teixeira um temor de ser subjetivo, mesmo que discussões contemporâneos indiquem à inexistência da objetividade. Nesse sentido, Candido e Costa Lima se justificam; Lúcia Teixeira aponta para a validade da subjetividade; mas, muitíssimo interessante, nem Leone nem Secco recorrem a aspectos subjetivos no modo com que elas lidam com a crítica. Ressalto, com isso, a existência de uma

confusão entre tratar de afetividade com subjetividade e inserção de aspectos biográficos do próprio crítico. Assim, lendo as obras de Leone e Secco não sabemos o quanto elas foram afetadas pelo seu *corpora*, pois elas não explicitam isso em suas análises. Além disso, podemos verificar através do cotejo dessas diversas críticas, diferentes abordagens que levam em consideração afetos e afecções, o corpo como fazendo parte de uma saber literário, artístico e cultural, contribuindo para pensar na renovação da crítica proposta por Leslie Fiedler de pensar as palavras-na-cabeça e não apenas palavras-no-papel.

[6]

A análise dos artigos e livros feita neste texto, embora apresente o problema do recorte bastante curto e aleatório, pode nos possibilitar algumas reflexões sobre o trabalho crítico, principalmente no que se refere à sua relação com aspectos afetivos, afectivos e corporais. Primeiramente, ressalto a centralidade da dicotomia objetividade/subjetividade. Isso demonstra que as reflexões teóricas que colocam em questão essa divisão, parecem ter pouca efetivação na prática. Além disso, as discussões no âmbito da sociologia, antropologia, etc., ligadas ao social e que demonstram uma crescente importância do corpo e dos sentimentos, parece também não

afetar muito a prática do crítico, com algumas exceções. Noto, em congressos e artigos, que muitas vezes o estudioso de literatura aplica métodos sem se preocupar de fato com o tipo de saber que ele produz, fazendo com que sejam reproduzidas abordagens consideradas antiquadas para o pensamento contemporâneo. Ainda faltaria mais dados para comprovar essa hipótese, mas o que quero ressaltar são essas diferentes práticas analisadas que, de uma forma ou de outra, não fecharam os olhos para a necessidade de se procurar novas maneiras de lidar com fenômenos literários e culturais mais atentos

com as atuais discussões – e isso inclui mesmo o Antonio Candido.

Como assinalou Luciana di Leone, devemos ter cuidado com as “palavras de ordem”, que podem transformar questões sobre os aspectos afetivos e corporais na produção de um saber literário em algo pacificador e que não nos modifique. Contudo,

reafirmo a necessidade de se contemplar esse aspecto, sem ter medo da subjetividade, sem ter medo de arriscar novas formas de adentrar nos fenômenos literários e culturais. Afinal, negar a afetividade também é uma afetividade, como apontou Nietzsche na epígrafe desse texto.

[REFERÊNCIAS]

CANDIDO, Antonio. “Crítica e memória”. In: *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 33-42.

FIEDLER, Leslie A. “Cross the border – close that gap: Postmodernism”. In: PÜTZ, Manfred and FREESE, Peter (eds.). *Postmodernism in American literature*. Darmstadt: Thesen, 1984, p. 151-166.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEONE, Luciana di. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LIMA, Luiz Costa. “A linguagem como matéria em Luci Collin”. In: <http://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/01/1729906-a-linguagem-como-materia-em-luci-collin.shtml>> Acessado em 29/06/2016.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Afeto & Poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

----- “Uma Pintura de Sonhos, Memórias, Cores e Poesia”. In: CHICHORRO, Roberto: Quimeras Enluaradas num Denso Azul Suburbano. Catálogo da exposição realizada em Amadora, Portugal, na Câmara Municipal de Amadora, Galeria Municipal Artur Bual, de 30 de junho a 31 de julho de 2011, p. 25.

TEIXEIRA, Lúcia. “Razão e afeto: a argumentação na crítica de arte”. In: *Alfa*. Vol 50, número 1. São Paulo: UNESP, 2006, p. 145-158.

AFFECTIVE CRITICISM ON CONTEMPORARY POETRY: BUILDING RELATIONSHIPS

Abstract:

Taking as a starting point the concept of affect, understood both in its broadest sense as links and relationships build- whether between individuals or between text and reader / critic - based on the caring and attachment, as in its more philosophical sense, as addressed in Espinosa, the aim of this work is to think about how some critical works in contemporary poetry deal with the emotional and corporal involvement at the moment of their analysis. In this sense, we have analyzed the book *Afeto & Poesia. Ensaio e entrevistas: Angola e Moçambique* (2014), by Carmen Lucia Tindo Secco and the book *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea* (2014), by Luciana di Leone, as well as some papers that focus on these issues. Although with short and random corpus, we hope to allow some reflections on the critical work, especially with regard to its relationship with affective, emotional and corporal aspects.

Keywords: Criticism. Contemporary Poetry. Affect.

